

**E QUEM DISSE QUE GEOGRAFIA E  
ARTE RIMAM? A FORMAÇÃO  
DOCENTE NA PERSPECTIVA DAS  
RELAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E  
ARTE**

*WHO SAID GEOGRAPHY AND ART  
RHYME? TEACHER FORMATION IN THE  
PERSPECTIVE OF THE RELATIONS  
BETWEEN GEOGRAPHY AND ART*

*¿Y QUIÉN DIJO LA GEOGRAFÍA Y EL  
ARTE RIMAN? LA FORMACIÓN DOCENTE  
EM LA PERSPECTIVA DE LAS  
RELACIONES ENTRE GEOGRAFÍA Y ARTE*

**IGOR CARLOS FEITOSA ALENCAR**  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) /  
AGB João Pessoa – João Pessoa (PB).  
E-mail: igor.urca@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo investigar as relações entre Geografia e Arte no que tange a formação docente no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri. Para tanto, nos debruçamos na literatura sobre ensino de Geografia, linguagens, currículo e formação docente. Foram analisadas as ementas e programas das disciplinas de Prática Curricular II e V do Currículo 2005/2006 e realizamos entrevistas com docentes e discentes. Enquanto resultados obtidos encontramos as discussões sobre Geografia e Arte praticamente condensadas na disciplina de Prática Curricular V e também, muitas vezes, restritas a músicas e a obras literárias. No entanto, apesar dessa discussão apresentar-se em “ilhas” ao longo do curso, é perceptível que contribuem e enriquecem tanto a formação docente quanto a prática pedagógica, como demonstram principalmente as entrevistas.

**Palavras-chave:** geografia, arte, formação docente, linguagens, currículo.

**Abstract:** This article aims to investigate the relations between Geography and Art regarding the teacher formation in the licentiate degree in Geography course at the Regional University of Cariri. To do so, we look at the literature on Geography teaching, languages, curriculum and teacher formation. The syllabus and programs of the Curricular Practice II and V subjects of the 2005/2006 Curriculum were analyzed and interviews were conducted with teachers and students. As for the results obtained, we found that the discussions on Geography and Art were practically condensed in the subject of Curricular Practice V and often restricted to music and literary works. However, despite this discussion being presented in “islands” throughout the course, it is noticeable that they contribute and enrich teacher formation and pedagogical practice, as the interviews mainly demonstrate.

**Keywords:** geography, art, teacher training, languages, curriculum.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo investigar la relación entre Geografía y Arte con respecto a la formación del profesorado en el curso de pregrado de Geografía en la Universidad Regional de Cariri. Con este fin, analizamos la literatura sobre enseñanza de geografía, idiomas, currículum y formación docente. También analizamos el programa de estudios y los programas de Práctica Curricular II y V del Currículo 2005/2006 y realizamos entrevistas con profesores y estudiantes. Como resultado, encontramos las discusiones sobre Geografía y Arte prácticamente condensadas en la disciplina de la Práctica Curricular V y también, a menudo, resumidas en canciones y obras literarias. Sin embargo, a pesar de que esta discusión se presentó en “islas” a lo largo del curso, es notable que contribuyan y enriquezcan tanto la capacitación docente como la práctica pedagógica, como lo demuestran las entrevistas.

**Palabras clave:** geografía, arte, formación del profesorado, lenguajes, plan de estudios

## Introdução<sup>1</sup>

*A Arte existe porque a vida não basta.*  
Ferreira Gullar

Esse artigo trata-se de reflexões desenvolvidas a partir de uma pesquisa que teve por objetivo debater as relações entre a Arte e a Geografia na formação docente no curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA), em Crato-CE.

Durante a formação docente nos deparamos com inúmeras dificuldades e cobranças. O ser professor traz consigo responsabilidades múltiplas, dentre as quais, o saber lidar com as diversas linguagens enquanto um facilitador ou mediador do processo de ensino-aprendizagem. Isso quer dizer que o fazer da profissão do professor necessita muito mais do que o domínio do conteúdo (sem excluir a essencialidade deste).

É nesse sentido que algumas questões apresentam-se fundamentais nessa discussão: há subsídios para o trato com a Arte no currículo do curso de Geografia na URCA? De que forma a Arte compõe a formação docente em Geografia a partir das disciplinas de Prática Curricular II e V do Currículo 2005/2006?

A escolha do Currículo 2005/2006 do curso de Licenciatura Plena em Geografia da URCA como objeto de análise está no fato deste ser um currículo que formou um considerável número de docentes, visto que a vigência do mesmo vai até o vestibular 2015.1. Outro ponto desta escolha pauta-se num exercício de pesquisa que

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 07 de agosto de 2018, nesse sentido registro o agradecimento ao meu orientador, professor Emerson Ribeiro, não só em relação a esse trabalho, mas sobretudo na convivência de toda graduação apontando sempre para a necessidade da arte permear nossa prática docente, nosso ser geógrafo e nossas lutas. E, como ele recorrentemente insiste em lembrar, após a revolução nos restará fazer poesia!

parte de um olhar para a própria formação sob a luz da Arte e suas relações com a Geografia.

A pesquisa ocorreu na dimensão documental com o levantamento bibliográfico acerca de formação docente, linguagens, currículo e ensino de Geografia. Também analisamos a partir do Plano Pedagógico do Curso as ementas e planos das disciplinas.

Nestas disciplinas buscamos averiguar como as questões relacionadas a Arte enquanto linguagem apresentam-se “no papel” e, *a posteriori*, realizamos entrevistas com dois professores que já ministraram as respectivas disciplinas em busca de informações sobre se e como esta articulação entre a Arte e o ensino de Geografia ocorre.

Também foram selecionados para análise questionários aplicados aos estudantes (inicialmente cinco) que cursaram as disciplinas no sentido de entender se estes tiveram contato com discussões e/ou atividades que envolvesse Geografia e Arte e qual relação estabeleceram (ou não) com estas.

E por que a Arte? As manifestações artísticas estão no nosso cotidiano, das mais diversas formas possíveis. Estamos em contato com a Arte quase que diariamente, seja nas músicas que ouvimos, quadros que apreciamos, filmes que assistimos, a paisagem urbana dada na estética morfológica das cidades ou até mesmo na própria produção artística que porventura exercemos.

Porém, isso não implica dizer que por estarmos em contato com esta conseguimos incorporá-la na nossa formação docente. Não é banalidade perguntar: por que a Arte deve estar na formação docente? E como incorporar a Arte enquanto linguagem para o ensino de Geografia a partir da nossa formação?

Essas são questões iniciais que norteiam nossa discussão. Ainda refletimos, a partir dos nossos resultados, de que forma as discussões sobre Geografia e Arte encontram-se ao mesmo tempo restritas a músicas e a literatura e, concomitantemente, postas em “ilhas” ao longo do curso. Também buscamos analisar de que maneira a Arte contribuiu na formação de estudantes e na prática pedagógica de professores a partir das entrevistas realizadas.

### **Breve histórico dos currículos de Geografia no Brasil e na URCA**

Todo saber, toda ciência tem por necessidade, ser ensinada. É preciso transmitir, num sentido de perpetuar e propiciar que nos mais diferentes contextos históricos e espaciais os seres humanos possam ter acesso a esse conhecimento.

Nas universidades é onde se organiza e estrutura-se o conhecimento científico com o fim de desenvolvê-lo, discuti-lo e construí-lo tanto “internamente” e também para além dos seus muros, seja na escola, nas praças, nos protestos, nas ruas e em todos os espaços que compõem a vida social em geral.

A Universidade Regional do Cariri (URCA) exerce papel estratégico no que tange ao desenvolvimento da região do Cariri cearense, pelo fato de, a partir de 1986 oferecer cursos superiores, principalmente na modalidade de licenciatura. A instalação desse aparato no interior do estado do Ceará possibilitou, ainda na década de 1980, a oportunidade de camadas mais carentes (em geral filhos e filhas de agricultores) obterem acesso ao ensino superior, além do dinamismo incorporado não só a cidade de Crato, onde instala-se o

primeiro Campus, mas também a toda região do Cariri assim como aos estados vizinhos (Pernambuco, Paraíba e Piauí<sup>2</sup>).

Essa organização do conhecimento científico se dá através dos currículos dos respectivos cursos. A organização destes atende aos pareceres, leis e orientações governamentais ligadas ao Ministério da Educação e também às demandas específicas de cada realidade sócio-espacial na qual insere-se o curso. E todos os critérios de orientação, são, sem exceção, também ideológicos.

No caso do curso de Geografia, data de 1962 o primeiro parecer acerca da organização das disciplinas voltadas para a formação de professores de Geografia no Brasil, Rocha (2000, p. 133) ao tratar sobre o currículo mínimo proposto pelo Conselho do Parecer nº 412/62 conta com as seguintes disciplinas obrigatórias: Geografia Física; Geografia Biológica ou Biogeografia; Geografia Humana; Geografia Regional; Geografia do Brasil; Cartografia e duas matérias escolhidas dentre as seguintes: Sociologia, História Econômica Geral e do Brasil, Fundamentos de Petrografia, Geologia, Pedologia, Mineralogia e Botânica.

A URCA foi fundada em 1986, porém o curso de Geografia data de 1964 (então Faculdade de Filosofia do Crato, ligada à Igreja Católica). Desde então, mais de meio século se passou e, obviamente, diversos currículos.

Em relação às disciplinas expostas do parecer de 1962, algumas coincidem com o currículo estudado, dentre elas, Geografia Regional, Cartografia, Antropologia Cultural, Geologia e Pedologia.

---

<sup>2</sup> A Universidade Regional do Cariri conta com mais de 27 mil egressos desde a sua fundação em 1986, conforme apontam os dados da própria universidade. Para saber mais, “Colação de grau da URCA conta com mais de 2 mil pessoas. Universidade Regional do Cariri, 2019. Disponível em: <<http://www.urca.br/novo/portal/index.php/latest-news/45208-colacao-de-grau-da-urca-conta-com-mais-de-2-mil-pessoas>>. Acesso em: 22/05/2020.

Não estamos argumentando que as discussões dentro do curso de Geografia da URCA que norteiam a organização dos currículos, no âmbito desses mais de cinquenta anos, perpassam como se estivessem estagnadas pelo fato da coincidência dos nomes das disciplinas citadas, até porque “o currículo não é algo estático, mas sim, a própria representação dos movimentos pelos quais uma determinada sociedade passa.” (FANTIN e TAUSCHECK 2005, p. 54). Todavia, isso também não exclui um caráter no mínimo curioso em relação ao fato.

Para caracterizar o perfil do curso de Geografia da URCA é preciso apoiar-se no Projeto Pedagógico do Curso (PPC). O mesmo tratando-se de um documento norteador apresenta, dentre outras informações, a perspectiva pedagógica, perfil do curso e dos egressos.

O PPC apresenta cronologicamente uma série de processos e projetos que ao longo do tempo modificaram a estrutura do curso de Geografia da URCA, desde a sua criação na antiga Faculdade de Filosofia do Crato.

Não há registros no PPC de alterações curriculares no curso de Geografia na Faculdade de Filosofia do Crato. Supõem-se que, desde o reconhecimento do curso pelo Decreto N. 69.977 em 1972 até a criação da URCA em 1986, se houve alterações curriculares, estas não estão disponíveis no PPC ou no site da Universidade.

É possível distinguir períodos de reestruturação e discussão dos currículos do curso de Geografia. Em um primeiro momento com a criação da URCA e incorporação dos cursos da Faculdade de Filosofia do Crato e da Universidade Estadual do Ceará, a reformulação curricular ocorreu apenas nos dois primeiros semestres, dando um tronco comum a eles.

A reestruturação curricular dada a partir da Resolução 04/88 da Reitoria da URCA, em 1988, contou com uma “preocupação em acompanhar no processo de formação dos professores as novas abordagens da Ciência Geográfica, e também dar ao currículo uma sequência lógica.” (PPC, 2013. p. 4)

Essa reestruturação reflete o período de discussões na Geografia pós “Virada Crítica”. Nesse sentido, a necessidade de reestruturação do curso apresenta-se, pelo menos no âmbito do currículo, como uma resposta ao anseio em levar da academia para a escola as perspectivas teórico-metodológicas da então recente fase Crítica “inaugurada” representativamente após o Encontro de Geógrafos da Associação dos Geógrafos Brasileiros no ano de 1978 em Fortaleza.

Já a década de 1990 é marcada por duas Comissões de Discussão Curricular no curso de Geografia da URCA, 1996 e 1999. É justamente nesse período que Leitinho (2000) realiza uma pesquisa de doutoramento acerca das diversas concepções curriculares na URCA.

Tendo como parâmetro as ideias de Henry Giroux, a análise de Leitinho (2000) abarca aspectos documentais, assim como a percepção de dados empíricos com entrevistas e depoimentos de professores e estudantes. Em vias de conclusão, a autora traz aspectos interessantes para se pensar a construção dos currículos pós década de 1990.

Ao terminar a análise dos currículos dos cursos de graduação da URCA, posso afirmar que o seu esquema conceitual de organização curricular é de *natureza predominantemente técnica*, privilegiando a *racionalidade técnico-instrumental* não valorizando as dimensões político-sociais do conhecimento.



Essa orientação gerou uma formação técnico-profissionalizante acrítica e despolitizada, fato que deve ser analisado na proposição do novo esquema conceitual (LEITINHO, 2000, p. 152, grifos da autora).

Expõe a autora que este tipo de formação pode ocasionar uma concepção acrítica e despolitizada, sendo essas características extremamente preocupantes quando pensamos que a maioria dos profissionais formados pela URCA são professores e professoras.

A reflexão acerca das conclusões da autora também devem perpassar no sentido de que esta é uma visão exterior, ou seja, por vezes o próprio quadro docente e discente da universidade não dispõe da possibilidade de realizar análises nesse sentido.

O tipo de formação profissional na URCA está objetivado, conforme o PPC (2014, p. 11), em “contribuir com a formação de um profissional capaz de ler, entender e atuar na realidade através de seu trabalho e ações no cotidiano” e ainda desenvolver “[...] o compromisso social em relação à qualidade do ensino, à reconstrução da universidade, da Geografia e da escola na sua prática pedagógica e profissional.”

Escolhemos para um maior aprofundamento no estudo as disciplinas de Práticas Curriculares II e V. As mesmas alocadas em dois períodos bastante distintos do curso, o segundo semestre, no qual o estudante encontra-se já um pouco habituado ao ambiente acadêmico e já tem noção se o curso realmente encaixa-se em suas perspectivas. E também o VI semestre, onde após percorrida metade do curso, o discente já apropria-se de conceitos e categorias geográficas, assim como de noções pedagógicas.

A escolha pelas disciplinas de Prática Curricular também visa compreender quais as perspectivas, objetivos e forma de organização delas. É uma tentativa de, amparados pela legislação,

como veremos a seguir, compreendermos o que se entende como prática curricular e, a luz dos nossos objetivos, quais os vínculos entre seus escopos com a formação docente frente as relações entre Geografia e Arte.

A pesquisa se desenvolve no âmbito do currículo pelo fato de ser justamente nesses documentos onde encontramos as orientações que norteiam o perfil do profissional que se pretende formar. É nesse sentido que Leão (2008, p. 56 *apud* SANTOS 2017, p. 90) atenta para a importância do currículo, afinal é nesse que encontramos “as competências desejadas para o futuro professor de Geografia, que devem orientar a escolha das disciplinas e a composição de suas ementas”.

Pesquisar questões acerca do currículo tem sido uma preocupação de teóricos da educação e pesquisadores em geral, principalmente diante de recorrentes ataques à educação que via de regra iniciam-se pelos currículos. Nesse sentido entende-se o currículo como:

o conceito mais importante que emergiu do campo dos estudos educacionais. [...] Todas as instituições educacionais afirmam e presumem dispor de um conhecimento ao qual outros têm direito de acesso e empregam gente que é especialista em tornar esse conhecimento acessível (os professores) – obviamente, com graus variados de sucesso (YOUNG, p. 197, 2014).

Portanto, é via currículo com as disciplinas de Prática Curricular II e V que investigamos as relações entre Geografia e Arte na formação dos/as professores/as do curso de Geografia da URCA.

## As disciplinas de Prática Curricular

Essas disciplinas de Prática Curricular estão amparadas no que o Parecer CNE/CP nº 28/2001 entende enquanto prática como componente curricular, que “podem ser desenvolvidas como núcleo ou como parte de disciplinas ou de outras atividades formativas. Isto inclui as disciplinas de caráter prático relacionadas à formação pedagógica (PARECER CNE/CP nº28/2001).

No currículo 2005/2006 do curso de Geografia da URCA, as atividades práticas como componente curricular são organizadas em caráter de disciplinas. Sendo um total de seis, dispostas ao longo do curso.

O Parecer ainda estabelece alguns objetivos destas práticas:

A prática como componente curricular é, pois, **uma prática que produz algo no âmbito do ensino**. Sendo a prática um trabalho consciente [...] de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica. Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo. **Em articulação intrínseca com o estágio supervisionado** e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre conjuntamente para a **formação da identidade do professor como educador** (PARECER CNE/CP nº28/2001, grifos nosso).

Como define o Parecer, é ao ter que produzir algo no âmbito do ensino que entendemos a necessidade de uma incorporação da Arte, no sentido de estar presente na formação enquanto uma manifestação, entre as muitas, das produções humanas no processo de ensino-aprendizagem, até porque “[...] podemos afirmar que tanto

as artes como a ciência, são expressões da imaginação humana de sua criação e historicamente construídas.” (RIBEIRO, 2016, p. 55).

A disciplina de “Prática Curricular II – Conceitos do Ensino e Pesquisa da Geografia” (PC II), trata dos principais conceitos geográficos e nos ofereceu possibilidades de investigar de que forma a Arte está presente sob seguinte aspecto: se há a preocupação no oferecimento de subsídios para que os futuros professores e professoras possam trabalhar com as diversas manifestações artísticas em relação aos principais conceitos geográficos, tendo como perspectiva o ensino e a pesquisa.

Visto que, conforme afirma-se na Ementa da disciplina de PC II, tem-se por objetivo nesta disciplina a busca por:

Fundamentação teórica e perspectivas de aplicação dos conceitos geográficos mais relevantes para o ensino e pesquisa da Geografia: espaço geográfico, lugar, paisagem, território, região, etc.; os conceitos geográficos nas propostas curriculares nacionais (PCN's e outros).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), está o norteamento dos conteúdos e temas da Geografia a serem tratados na escola à época da formulação do currículo pesquisado. A relação destes com a Arte apresenta-se no PCN's, principalmente, a partir de um debate que envolve a interdisciplinaridade mediada pelas múltiplas linguagens.

Nesse documento, ao tratar do ensino das categorias de paisagem, território, lugar e região (todas citadas no objetivo da disciplina de PC II), se afirma que as produções artísticas “são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar, perguntar e inspirar-se para interpretar as

paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico. (PCN/GEOGRAFIA, 1998, p. 33).

Nesse sentido, para que aconteça o que o PCN's propõe em relação ao trato com essas diferentes linguagens, o subsídio deve se dar a partir dos diálogos entre os fundamentos da Geografia e da Arte. Principalmente no cenário onde a construção dos currículos incide numa formação docente, conforme elucida Pontuschka (2008) que intensifica uma dicotomia da prática pedagógica em relação aos conteúdos, no qual “o espaço do conteúdo é ainda o das disciplinas específicas, e o da formação pedagógica, em geral, é caracterizado pela instrumentalização metodológica.” (p. 102).

No caso do currículo analisado, fica evidente essa dicotomia. A disciplina que visa apresentar e discutir inicialmente os principais conceitos da Geografia encontra-se no II semestre, ao passo que, a disciplina que vem a tratar das diferentes linguagens no ensino é encontrada três semestres a frente. Demonstrando claramente um hiato entre essas discussões.

A outra disciplina analisada, “Prática Curricular V – Linguagens e Metodologia do Trabalho Pedagógico” (PC V), está lotada no VI semestre do curso e nos possibilita a averiguação mais profunda das relações da Arte, principalmente nas formas das linguagens, em uma perspectiva pedagógica com a Geografia. Afinal, conforme a Ementa da disciplina de PC V, esta objetiva discussões no âmbito das:

[...] teorias da aprendizagem e os recursos didáticos na construção do conhecimento geográfico; procedimentos metodológicos e estratégias para a sala de aula; o papel e avaliação do livro didático em Geografia; as diferentes linguagens no ensino de Geografia, análise do seu potencial e aplicabilidade na sala de aula (música,

literatura, linguagem gráfica e cartográfica, recursos audiovisuais, etc.) (Ementa da disciplina de Prática Curricular V).

Nessa perspectiva a multiplicidade de linguagens, conforme propõe o PCN's, no ensino de Geografia apresenta-se enquanto recurso didático. Nos permite destacar particularidades, baseados na ementa e programa, da disciplina de PC V:

1. As possibilidades de discussão das principais categorias da ciência geográfica em diálogo através das linguagens, que por sua vez, estreitam o contato da formação docente com a Arte;
2. A oportunidade de superação, pelo viés curricular, da dicotomia entre as disciplinas conteudistas e pedagógicas na formação docente, conforme o alerta de Pontuschka.

Visando a superação dessa oposição expressa no item 3, o próprio Parecer CNE/CP 9/2001 (p. 56), que ampara as disciplinas de Prática Curricular, estabelece que:

[...] para superar a suposta oposição entre conteúdo e pedagogismo os currículos de formação de professores devem contemplar espaços, tempos e atividades adequadas que facilitem a seus alunos [graduandos] fazer permanentemente a transposição didática, isto é, a transformação dos objetos de conhecimento em objetos de ensino (PARECER CNE/CP 9/2001 p. 56).

Nesse sentido, o Parecer atenta ao fato de que não se deve deixar enquanto objetivo exclusivo de certas disciplinas discutir “questões da Geografia” e outras “questões pedagógicas”. Até porque a estrutura de formação de professores conhecidas como “3+1”, na

qual se estudavam três anos de determinada ciência e mais um ano de conteúdos pedagógicos, mostrou-se nefasta e deve ser superada.

O próprio PCN's discute a importância dos recursos didáticos pautados nas multilinguagens e interdisciplinaridade, que nas entrelinhas, expõe justamente a importância da Arte no ensino e pesquisa de Geografia de forma integrada.

A exemplo disso, entende-se que “[...] a Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos” (PCN/GEOGRAFIA, 1998, p. 33).

### **As Práticas na prática: análise das entrevistas**

As entrevistas realizadas são analisadas junto do que fora levantado na pesquisa bibliográfica com base no PPC e das ementas e planos das disciplinas de PC II e V. Buscando compreender o que está apontado no papel indo de encontro, muitas vezes, a prática relatada pelos estudantes e professores.

As entrevistas foram organizadas de forma semiestruturadas a partir de um roteiro específico para os discentes e outro para os docentes, que abrangiam cinco perguntas relacionadas as disciplinas de Prática II ou V (acerca da forma como foram apresentados os conteúdos, se foram acrescentadas na bibliografia obras literárias e/ou audiovisuais, como se deu a avaliação, entre outras) assim como dois questionamentos de âmbito mais geral, visando abarcar a percepção nas relações entre a Arte e a Geografia na perspectiva da formação docente na URCA dos respectivos entrevistados.

## **Entrevista com estudantes que cursaram as disciplinas de Prática Curricular II e V**

O público selecionado foi de estudantes que ingressaram no curso até o vestibular 2015.1, último processo seletivo de turmas que se formaram no currículo 2005/2006. Para análise mais aprofundada, selecionamos trechos que consideramos mais relevantes para serem exploradas neste tópico.

No sentido de evitarmos quaisquer constrangimentos ou problemas futuros, optamos por manter oculta a identidade dos entrevistados e entrevistadas. O fato da ocultação também nos proporcionou que, ao saber que não seriam identificados, os entrevistados se mostraram mais à vontade para o fornecimento das informações solicitadas.

De início questionamos o *Entrevistado A*, de que forma o docente na sua respectiva turma – 2015.2, correspondente ao 1º semestre de 2016 – abordou e apresentou os principais conceitos geográfico. Em sua resposta, não percebemos nada surpreendente, segundo ele, o professor apresentou os conceitos e os trabalhou com a coletânea de textos organizados em apostila.

Já em relação a inserção de obras artísticas na discussão, nos foi informado da exibição de um filme, do qual não se recorda o título, mas que ao relatar, afirmou que “tinha como objetivo, a partir da observação, trabalhar a categoria de lugar”. Questionado sobre a atividade solicitada a partir do filme, informou que foi pedido uma resenha.

Ainda sobre essas obras artísticas que poderiam permitir uma discussão com maiores possibilidades de perspectivas sobre os conceitos, o *Entrevistado A*, afirmou que não houve nenhuma outra intervenção nesse sentido, somente o filme.



Sobre a avaliação, o plano da disciplina de PC II estabelece na AV1 uma prova escrita, fichamento e entrevista. Conforme o *Entrevistado A* informou, a entrevista citada para compor a AV1 não ocorreu, mesmo com o plano da disciplina contido na apostila, não se discutiu, se propôs, ou, sequer mencionou algo em relação a entrevista. Em nenhum outro espaço do plano é mencionado algo em relação a essa entrevista, nem objetivo e/ou metodologia para a respectiva realização.

A AV2, tem estabelecida no plano como atividades a realização de prova escrita e seminários, porém o *Entrevistado A* conta que foi realizado um portfólio a partir da prática de campo. Isso nos remete a uma dupla preocupação: a primeira que diz respeito a um certo desmerecimento em relação as orientações do plano da disciplina e, também, as poucas informações acerca das avaliações propostas.

Se há uma construção, por vezes exaustiva, por detrás das ementas e planos de disciplina, quando se propõe por exemplo, como está no plano de PC II, a realização de uma entrevista, e simplesmente não se transcorre acerca de, pelo menos, os objetivos que fundamentam a necessidade dessas, transparece que a perspectiva de avaliação é simplesmente colocada no plano para, como diz o ditado, “cumprir tabela” e que essa fica exclusivamente a critério do docente.

Não que esse não tenha respaldo, capacidade e autonomia para tal. Não estamos afirmando ou induzindo isso, mas o que nos parece é que há um certo desprezo a todo trabalho de construção das ementas e planos de disciplina que se reflete, conseqüentemente, no cotidiano das disciplinas ao longo do curso.

Quando questionado sobre como apreciava a forma que foram apresentados os conceitos e a metodologia de ensino e avaliação, afirmou que: “em aspectos gerais conseguiu apresentar de forma introdutória a discussão em torno das categorias. No fim da disciplina eu consegui sair com uma noção em que cada uma dessas consiste”.

Em direção as questões mais gerais, quando foi questionado se sentiu ausência de alguma outra referência durante a disciplina ele prontamente afirmou que não e complementou assegurando que na época “por estar no início do curso, a discussão ela é ainda bastante restrita, só que por exemplo hoje, tenho a noção de que se dá pra trabalhar com as categorias até em questões regionais, com as poesias de Patativa [do Assaré] que tem muito da categoria de lugar.”.

É interessante a avaliação que o *Entrevistado A* faz em relação ao momento que cursou a disciplina de PC II com o atual estado pessoal e acadêmico em que vive, e a maturação proporcionada ao longo do curso que o permitiu perceber, que “há várias metodologias para se trabalhar temas da Geografia escolar, através de filmes, músicas, fotografias, documentários, são recursos que podem ajudar em trabalhar os temas, tanto numa escala regional como mais ampla”.

Essa percepção se deve tanto as experiências durante as disciplinas que se sucedem, mas principalmente a partir do estágio. A volta à escola é sempre um momento de reflexão profunda acerca da prática pedagógica e da nossa própria formação.

Quando pedimos para que faça uma análise a partir do seu percurso na graduação, pensando os subsídios que a formação oferece para se trabalhar com a Arte e a Geografia, o mesmo afirma que há

uma oferta desses subsídios, porém essa discussão fica muito reclusa a disciplina de Prática Curricular V.

E como sugestão para uma revisão dessa questão propõe “complementar a discussão já proposta na cadeira [disciplina] de PC V, trazendo não só questões gerais, mas regionais, trabalhar com o cotidiano dos alunos da região do Cariri.”.

O *Entrevistado B*, que encontra-se no IX semestre, cursou a disciplina de PC V no período 2016.2, correspondente ao primeiro semestre de 2017, nos traz importantes informações acerca da disciplina.

Ele nos conta que o professor listou várias linguagens que poderiam ser utilizadas, na forma de metodologia, e posteriormente as explicou dando enfoque as músicas e o cinema. Quando pensamos essas linguagens no âmbito da formação docente, conseqüentemente, essa preocupação não fica reclusa aos muros da universidade, na esfera da Geografia escolar “[...] estas linguagens, com o uso do livro didático, propiciam ao professor adotar/experienciar uma metodologia mais participativa.” (ALVES, 2016, p. 30).

Sobre outras referências que poderiam compor a discussão, ele nos contou que foram tratadas músicas, relacionando canções de Belchior e Luiz Gonzaga, com temas da Geografia escolar, como migração.

Porém quando questionamos sobre alguma prática, no sentido de produção de algum material didático/pedagógico, ele afirma que não se recorda, apenas “apresentou seminários sobre as multilinguagens.”. E foram, justamente, esses seminários a única forma de avaliação que lembra ter realizado.

Novamente chegamos a preocupação no tocante a forma como as avaliações são estabelecidas nos planos de disciplina e como

ocorrem na prática. No caso da disciplina de PC V, a AV1 é composta pela elaboração de um Projeto Pedagógico a ser aplicado nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental e a AV2 a análise de um capítulo do Livro didático de Geografia utilizado no estágio supervisionado II no ensino fundamental.

A proposta de relacionar a disciplina de PC V com o Estágio Supervisionado II no Ensino fundamental, mediada pela elaboração do Projeto Pedagógico, consideramos de suma relevância nessa aproximação entre Geografia e Arte.

Quando há um abandono na elaboração do Projeto Pedagógico ocorre que, por mais que sejam apresentados seminários sobre uma infinidade de linguagens, não se compara, obviamente, a elaboração de um projeto pedagógico, pensado no âmbito do ensino fundamental, onde o discente deverá considerar na discussão das multilinguagens perspectivas teórico-metodológicas fundamentais e exequíveis.

Apesar da ausência dessa parte fundamental proposta no plano de disciplina, o *Entrevistado B* considera satisfatória como fora desenvolvida a disciplina, no sentido de que, “no âmbito em que aborda algumas propostas fundamentais, que podem ser realizadas para a diversidade de aplicar a Geografia em sala de aula.”

E como analisar, mesmo diante do não cumprimento do que propõe o plano, os estudantes considerarem satisfatória a forma como fora realizada? Isso se deve ao fato de, raramente, acontecer qualquer discussão sobre a ementa e o plano de disciplina. No máximo, apresenta-se no primeiro dia de aula e no restante do semestre, com sorte, a mesma permaneça com o estudante quando incluída na apostila.

Já o *Entrevistado B*, diferentemente do *Entrevistado A*, não considera que o curso de Geografia da URCA ofereça tantos subsídios para o trabalho com a Arte e a Geografia, segundo ele: “os professores não abordam a questão de relacionar a Arte a Geografia durante o curso, poucos professores tentam relacionar alguma expressão artística com a Geografia.”.

Fica nítido a partir das entrevistas que as linguagens artísticas são inseridas nas discussões em caráter bem limitado, apenas a primeira e a sétima Arte<sup>3</sup> em destaque e, em menor expressão, também aparece a sexta.

Sem dúvida, a música, o cinema e a literatura são fontes praticamente inesgotáveis de possibilidades para se trabalhar não só temas da Geografia. Quando levamos em consideração a carga horária das disciplinas, é possível compreender o porquê do trato restrito a essas manifestações, dado pelo fato dessas se fazerem mais acessíveis e de maior proximidade com o cotidiano dos docentes e discentes.

Um apelo manifestado pelos discentes entrevistados é no trabalho da Arte e a Geografia em escalas mais próximas, buscando temáticas locais e regionais, principalmente em observância ao cotidiano dos alunos e a preocupação com a transformação da sala de aula pela Arte/Geografia.

Procurar trabalhar com o cotidiano é fundamental para a Arte. Frederico (2000, p. 302) ao tratar sobre a visão do filósofo

---

<sup>3</sup> Classificação proposta pelo crítico de cinema Ricciotto Canudo, em 1993, no Manifesto das Sete Artes que tinha por objetivo o estabelecimento de uma ordem de caráter estético e comunicativo para as principais Artes existentes. Sendo elas: 1ª Arte - Música (som); 2ª Arte - Dança/Coreografia (movimento); 3ª Arte - Pintura (cor); 4ª Arte - Escultura (volume); 5ª Arte - Teatro (representação); 6ª Arte - Literatura (palavra) e 7ª Arte – Cinema.

Lukács, em que estabelece o papel fundamental do cotidiano em relação à Arte, no qual “[...] a Arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar, produzindo nesse movimento reiterativo uma elevação na consciência sensível dos homens”.

Como afirmamos acima, na estrutura curricular do curso de Geografia da URCA 2005/2006, as discussões acerca do trato com a Arte e a Geografia, ainda que não pensada tal relação intrinsecamente – como defendemos – os possíveis subsídios estão concentrados na disciplina de PC V. Ainda que essa, como vimos nas entrevistas, sequer abarque totalmente a proposta contida na ementa e plano de disciplina.

### **Entrevista com os docentes que ministraram as disciplinas de Prática Curricular II e V**

Foram entrevistados dois docentes, um referente a disciplina de PC II e outro a PC V. A partir das entrevistas, selecionamos trechos que consideramos mais interessantes para serem destacados em nossa análise.

*O Entrevistado C* ministra a disciplina de Prática Curricular II há pelo menos três períodos, em ambos os turnos, e nos relata de início a forma como procura tratar metodologicamente os conceitos da Geografia, onde ele busca o que chama de “construção de conceitos” que está pautada num diagnóstico para se extrair o conhecimento que os estudantes trazem.

Essa prática faz-se importante visto que a disciplina de PC II estando lotada no II semestre do curso, oferece ao professor um diagnóstico acerca de como esses estudantes chegam do Ensino Básico na universidade.

O trajeto, se assim podemos caracterizar, entre o conhecimento empírico fundamentado no senso comum e o conhecimento científico, utiliza a Arte enquanto ponte/mediação para tal, ao passo do entendimento dessa enquanto exercício de potencialização das discussões dos conceitos geográficos tratados na disciplina.

O docente cita exemplos de obras artísticas já utilizadas, como canções de Belchior e Flávio Leandro e poemas de Patativa do Assaré e Fernando Pessoa. Essas obras foram empregadas junto ao diálogo com o livro de Souza (2015) – Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial.

Quando questionamos o *Entrevistado C* sobre indicações e inserções de obras artísticas na disciplina, além do que citamos anteriormente, ele recorda no semestre anterior o trabalho com o livro “O Símbolo perdido” de Dan Brown, onde segundo ele, foi solicitado que os estudantes buscassem identificar os conceitos da Geografia dentro dessa obra.

Nas palavras do *Entrevistado C*, ao avaliar essa atividade: “foi muito interessante porque nos chegaram muitas coisas legais, a gente trabalha com a metodologia de grelha de leitura onde os alunos leem a obra, comentam o que o autor disse e fazem a correlação com o conteúdo da Geografia, com os conceitos”.

Ele também revela uma dificuldade ao falar sobre o desejo de no presente semestre incorporar a discussão a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, fato que não ocorreu porque não há disponibilidade de tempo para tal inserção.

Essa fala nos atenta a um ponto importante: o fato de por mais que, por exemplo, determinadas obras literárias, filmes e etc. estejam no plano de determinada disciplina (ou o docente resolva

incluir), a própria dinâmica do semestre praticamente determina a condição de realização ou não do que está proposto. Por mais que o docente esteja disposto a inserções, cada turma manifesta uma dinâmica que influi diretamente na forma como a prática é desenvolvida.

Em relação as formas de avaliação, ele cita que tem como princípio a avaliação formativa e afirma que: “à prova ou um instrumento como prova que mensura o aluno em determinado conteúdo da Geografia, ela não garante a aprendizagem. No entanto, a avaliação formativa ela combina tanto o instrumento de prova, quanto confecção de materiais didáticos, quanto se o aluno ‘*de repente*’ sabe e domina os conteúdos”.

Nesse sentido, a visão ampla do professor em relação a avaliação, buscando uma gama de possibilidades para se avaliar o estudante, está intimamente ligada a perspectiva da avaliação formativa na qual inclui-se a Arte.

Fica evidente quando ele afirma que: “quando eu trago essas obras para que os alunos aprendam e discutam com a gente, eles não ‘tão’ simplesmente falando da obra, mas estão conectando com a teoria. Então, no meu ponto de vista, na avaliação formativa o aluno está aprendendo, e uma prova não mensura se o aluno vai aprender ou não.”

Ao fazer um panorama da disciplina, ele afirma que os alunos o surpreendem e que, volta e meia, antigos alunos o procuram e relatam sobre práticas que estão desenvolvendo e ali ele enxerga o sucesso do processo. Ou seja, o próprio professor afirma que a aula não tem fim, nunca acaba, portanto, o processo da disciplina não se encerra ao final do semestre, ele permeia a prática pedagógica dos estudantes, desde que tenha significado para eles.



Quando questionado sobre as possibilidades entre a Arte e o ensino de Geografia, ele elucida que “à Arte em si envereda por vários caminhos, abre o leque de muitas possibilidades no sentido conotativo, principalmente, porque os textos acadêmicos são denotativos, eles são pontuais, são objetivos... a Arte não, ela cria, a Arte inova e é nessa inovação que a gente percebe que a Geografia deve fazer parte”.

É nesse ponto elucidado pelo professor que corroboramos com sua linha de raciocínio no que diz respeito a complementaridade exercida pela Arte frente aos textos/materiais acadêmicos. O exercício desse diálogo mostra-se bastante proveitoso, como afirmou o professor, em nenhum momento há a anulação de uma perspectiva frente a outra, pelo contrário, elas caminham juntas.

Ao final, o *Entrevistado C* ao ser questionado como considera a oferta de subsídios para o trabalho com a Arte e a Geografia, no curso de Geografia da URCA, ele responde: “eu considero que pontualmente a gente consegue perceber uma mudança significativa em relação a inserção das expressões artísticas no seio de formação dos futuros professores”.

Essa fala de mudança, através da percepção, ela se dá no que tange as próprias práticas, ao “currículo vivido”, ou seja, por mais que os planos das disciplinas da estrutura curricular ao estabelecerem ou não o trato com a Arte, a prática no cotidiano trouxe a demanda desse trabalho, principalmente quando o docente tem aproximação com as linguagens artísticas.

No final da entrevista, ele relata que ao utilizar a Arte em suas aulas, é questionado pelos estudantes com perguntas do tipo “mas o que isso tem a ver com Geografia?”, ele atribui essas questões pelo fato da Arte acarretar um encantamento que nos liberta de

algumas amarras. No sentido de tornar a Arte instrumento de fazer com que o outro pense geograficamente na ausência de um texto teórico propriamente dito.

Do ponto de vista curricular da Geografia, ele defende uma maior inserção da Arte, mas ressalta a distinção entre o “currículo pré-ativo” e o “currículo interativo”. Sendo esse último aquele que, como coloca, “as pessoas fazem”, ou seja, no campo da prática, a inserção da Arte no currículo ocorre com determinados professores que em suas disciplinas inserem tais linguagens, seja numa discussão a partir de um poema ou mesmo na produção artística, sejam exposições fotográficas ou da metodologia das Instalações Geográficas, propostas por Ribeiro (2014).

O *Entrevistado D* foi professor da disciplina de Prática Curricular V no período de seis anos, com exceções nos momentos em que dividiu a disciplina com outros docentes. No início tratamos de que forma metodologicamente o mesmo tratava as multilinguagens.

Segundo ele, há um trato *a priori* acerca das interseções entre a Arte e a Geografia, onde se busca discutir alguns conceitos para posteriormente dialogar com a turma diretamente as questões relacionadas as linguagens.

Ele considera que a disciplina é um “desafio metodológico” quando se propõe a tratar da Arte com o ensino de Geografia. Esse desafio se estende desde a formação básica em que se consiste cada linguagem e, principalmente, no que tange as aplicações que podem ser experimentadas no ensino de Geografia.

Quando questionado sobre a produção de material tendo em vista o ensino de Geografia na perspectiva das multilinguagens, ele afirma que não é possível trabalhar com todas as linguagens, logo há uma delimitação. E, sob a justificativa de um apelo na

contemporaneidade no que se refere as imagens, considera que o geógrafo deva estar apto a este trato, portanto há um privilégio por materiais das Artes visuais.

Nesse sentido, durante as aulas há um trabalho centrado em curtas-metragens, não só relacionados a temas geográficos, e que também objetiva o entendimento dos professores em formação quanto a uma melhor distribuição em suas aulas para que possam se utilizar desses recursos didáticos.

O *Entrevistado D* atenta para questões que dificultam o trato com a Arte durante a disciplina, principalmente em termos de estrutura física da própria universidade, desde salas adequadas, climatizadas, até a própria ausência de laboratórios equipados, ilhas de edição e também na dificuldade de adquirir os materiais necessários.

Ele nos conta que buscam resolver a situação parcialmente com a incorporação de materiais mais acessíveis e substituição de equipamentos, como é o caso no trabalho com a fotografia, as câmeras adequadas pelos *smartphones*.

Nesse ponto podemos perceber que o trabalho com a Arte não depende unicamente de um currículo “bem” elaborado, de uma ementa mais ou menos ampla ou da própria vontade do professor. Há elementos estruturais que interferem e influenciam diretamente no acontecer da aula; ao denunciar a ausência de estrutura física na universidade o professor expõe outro aspecto na problemática analisada.

A própria produção de materiais didáticos fica prejudicada, e há, como fora relatado na entrevista, a realização de provas escritas e em um segundo momento o desenvolvimento de algo mais prático,

que sofre com as condições já citadas, mas que na medida do possível são realizadas, como mostras de curtas e exposições fotográficas.

Quando pedimos para o *Entrevistado D* avaliar a disciplina de Prática curricular V, ele insiste que ela não ocorre de maneira satisfatória principalmente pela ausência de estrutura física na universidade. Acarretando a impossibilidade do acesso a uma gama de linguagens que não podem ser trabalhadas de forma precária.

Sobre as possibilidades entre a Arte e o ensino de Geografia, o mesmo relaciona a Arte no que se refere a potencializar nossa percepção para com o mundo, a realidade e a própria Geografia. Principalmente quando pensamos aspectos mais sensitivos e humanos. Nas suas palavras: “se a Geografia já abraça o espaço, a paisagem, nesse encontro humanizado para a compreensão do homem em seu território, em sua paisagem, a Arte potencializa esse encontro, abrindo novas percepções a ele”

Ao final, avaliando se o curso de Geografia da URCA oferece subsídios para o trato da Arte e da Geografia, ele afirma que tem-se “material humano” para tal, e que “o corpo docente encontra-se preparado e disposto para esse trabalho”, em contrapartida, “as condições estruturais da universidade dificultam muito” e, pensando na perspectiva curricular, “poderia se disponibilizar mais disciplinas optativas com o objetivo de se tratar esse debate proveitoso entre a Arte e a Geografia.”

Ao sugerir esse aumento de disciplinas para essa temática, o professor expõe uma preocupação que já levantamos aqui, o fato das discussões acerca da Arte estarem concentradas apenas na disciplina de Prática Curricular V. Também foi perceptível, novamente, e diversos aspectos no tratar da disciplina, um certo afastamento do que está proposto na ementa e no plano.

### **Afinal, Geografia e Arte rimam?**

As relações entre Arte e Geografia são encontradas desde a sistematização desse conhecimento enquanto ciência. Cene e Ferraz (2016) procuram discutir epistemologicamente essa relação. Tendo como ponto de partida a fragmentação da ciência no século XVII, sua separação da Arte como característica da ciência moderna e, mais especificamente, na relação desta com as produções de Humboldt.

O naturalista realizava grandes descrições e representações das paisagens dos lugares que pesquisava. Ficaria difícil imaginar essa relação da Arte e a Geografia em seus trabalhos – à primeira vista extremamente técnicos – porém, é justamente no ato da descrição e representação que ele incorpora a Arte a sua prática geográfica. Springer (2009, p. 10 *apud* CENE e FERRAZ 2016, p. 233) relata a origem dessa relação enquanto decorrência da influência do romantismo alemão no qual há “em sua produção científica para descrever a Natureza, uma forma de Arte e estética romântica para atingir um ‘estado’ estético e objetivo.”.

Ele tinha como objetivo não uma simples descrição, logo “não se trata apenas de representar pictórica ou descritivamente a natureza, mas uma comunhão entre as duas formas de representações (pintura e literatura), para assim alcançar seu objetivo na descrição do mundo.” (CENE e FERRAZ, 2016, p. 233).

A necessidade de se buscar nos primórdios da sistematização da Geografia moderna sua relação com a Arte, se faz cogente para demonstrar que essa discussão não é recente, e que não buscamos no currículo 2005/2006 do curso de Geografia da URCA algo inovador do ponto de vista histórico do desenvolvimento da ciência geográfica.

Nesse sentido, é perceptível a relação intrínseca da Arte com as linguagens. As contribuições dessas para as práticas pedagógicas em Geografia ficam claras a partir das entrevistas realizadas. Portanto, entendemos as relações entre a Arte e a Geografia mediadas pelas linguagens.

Haja visto que o processo de ensino-aprendizagem perpassa inevitavelmente por elas, em todas perspectivas, das mais tradicionais, as mais radicais ou criativas, as linguagens permeiam todo o processo. Há múltiplas formas e perspectivas de lidar, de mediar ou transmitir saberes e todas necessitam das linguagens.

Portanto, na formação docente deve-se apostar num conhecimento mínimo acerca dessas linguagens, afinal:

O exercício da análise geográfica tem maior competência de aproximação à complexidade do mundo se também for plural internamente: buscar diferentes pontos de vista para ler analiticamente o mundo e também ser capaz de escrever sobre isso sob diferentes aspectos (REICHWALD JR, 2004, p. 70 *apud* SOARES, 2013, p. 59).

Os diferentes pontos de vistas citados por Reichwald, ao nosso ver, podem ser supridos pelas linguagens que seriam espécies de caminhos e descaminhos, porque o processo é dialético, para a Arte e esta em sua capacidade potencializadora no que tange ao ensino-aprendizagem supre, ao nosso ver, diversas perspectivas para lidar não só com a Geografia, visto seu intrínseco caráter interdisciplinar.

As linguagens em si, carregam inúmeros signos e significados, e estes são fundamentais a nós, afinal, apesar dos homens não serem os únicos animais a se utilizarem deles, “estes signos não atingem a complexidade e a elaboração que podemos

encontrar na linguagem humana, na escrita, nas Artes [...]” (MORRIS, 1976, p. 5).

A complexidade acarretada pelos signos através das linguagens exerce íntima relação com a criatividade. A Arte permite a expansão da nossa capacidade de criação através do encantamento, da reflexão e da indignação. Quando inserida num viés geográfico traz essas possibilidades para a dimensão espacial, de produção e reprodução do cotidiano de determinado espaço.

É ao relacionar a Geografia e a Arte que, conforme Ribeiro (2013, p. 161), encontramos “[...] uma ruptura palpável para a superação do cotidiano, que se estabelece num dado espaço. É nas profundezas do pensamento criativo, do ato insano aos olhos do estabelecido para que a criação se realize, é nesse contexto que se apreende à Geografia.”.

Sendo que a Arte, inerentemente, traz através de suas obras, um carácter social visto seu enraizamento no cotidiano, sendo ela:

uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de Arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social (VIGOTSKI, 1998, p. 315 *apud* NEWTON, 2008, p. 2).

A Arte aponta e dá pistas para a resolução de uma problemática quase clichê não só na Geografia escolar, mas que ainda é um desafio que requer atenção: a aproximação dos conteúdos com a realidade dos alunos. E por mais que a Arte permeie o cotidiano o desafio está em como realizar essa aproximação.

A utilização da Arte, todavia, acarreta uma problemática: as obras de Arte são exteriores a vida acadêmica e escolar, ou seja, não objetivam o ensino de conteúdo X de determinada área do conhecimento.

Em suma, a Arte na formação docente, através das linguagens, não implica na redução da obra em recurso (quase que descartável, “serve para esse tema, para esse não”). A Arte, portanto, não pode ser reduzida a tapa buraco de aula, afinal ela “não é uma complementação da vida, mas decorre no homem daquilo que é superior à vida. [...] toda obra de Arte sempre implica algum tema real concreto ou uma emoção absolutamente comum ligada ao mundo.” (VIGOTSKI, 2001, p. 339-340 *apud* NEWTON, 2008, p. 12)

Nesse sentido, a Arte na formação docente permite o desenvolvimento de nossas capacidades criadoras alinhadas a sensibilidade, uma formação mais humana. Precisamos criar nossas aulas e práticas pedagógicas, sendo a Arte fundamental nesse processo onde não necessitamos “descartar provas, exames e avaliações lineares, mas é preciso optar por um objetivo que leve o aluno a construir o conhecimento através da pesquisa objetiva real, da criação e da Arte, em decorrência da ciência geográfica” (RIBEIRO, 2013, p. 161).

Como é possível observar, não é somente incorporando a Arte que todos os problemas se resolverão. A problemática é ampla, inclui a pesquisa, a didática, domínio dos conteúdos, leitura e escrita. Aspectos esses embutidos na composição curricular da formação docente em Geografia que podem ser potencializados a partir da Arte, mediados pelas linguagens.

Os objetivos e critérios para a construção dos currículos estão intimamente relacionados a perspectiva de educação refletida



no curso. A linguagem, sendo ela artística ou não, permeia todo esse processo conflituoso. Soares (2013) apresenta um exemplo interessante em relação ao trato da Geografia e a da Arte utilizando-se das linguagens, a partir de uma prática pautada na teatralização no ensino médio. No trabalho em questão, há uma articulação entre literatura, música e as próprias Artes cênicas que circundam o conteúdo geográfico. Nesse contexto, segundo a autora, a Geografia,

“abarca tanto a vertente instrumental, por se tratar de uma outra disciplina que a partir do Teatro pode estimular a criatividade, quanto a vertente existencial, por possuir o objetivo de ler e compreender o mundo observando as interferências humanas na construção do espaço geográfico” (p. 61)

Para a realização de um trabalho desse cunho, o professor necessita de uma formação que abranja uma multiplicidade de linguagens para lidar com os conteúdos. Isso requer esforço pessoal, obviamente, mas que pode ser facilitado no seio do próprio curso de graduação.

Nesse sentido insistimos na importância da Arte para a formação docente, onde essa reverbera na prática pedagógica escolar. A professora cita, ao final do trabalho, a reação dos alunos com a atividade, os quais têm a oportunidade de desenvolver a autonomia e “liberdade de se expressarem e de mostrarem suas formas de ver o mundo. A prática do Teatro leva os alunos para a cena e lhes dá voz, ajudando a formar cidadãos capazes de compreender a sua realidade e mesmo de modificá-la” (SOARES, 2013, p. 79).

Portanto, na busca da construção desses “poemas” nos quais Geografia e Arte rimem, sejam em debates e construções teóricas e/ou em nossas práticas pedagógicas dentro e fora da universidade, as linguagens – inevitavelmente – irão compor do primeiro ao

derradeiro verso da obra que desejemos realizar. E sem dúvidas, a Geografia é fonte inesgotável de inspiração para tal trabalho.

### **Algumas considerações**

Essa pesquisa em nenhum momento se propôs a fazer qualquer julgamento da forma na qual está posta a estrutura curricular do curso de Geografia da URCA, ou mesmo a maneira proposta de organização das disciplinas em suas respectivas ementas e planos. Muito menos enquadrar os docentes sob uma culpabilidade que permeia uma maneira extremamente banal em se fazer pesquisa: buscar culpados para saciar um anseio fundado na realização da crítica pela crítica.

Na proposta que tem como sul a pergunta se Geografia e Arte rimam, não buscamos apenas a dicotômica resposta positiva ou negativa para responder tal questionamento. Exploramos o tema, tal qual um poema: sua estrutura, as respectivas sílabas poéticas, a métrica, os versos, as estrofes e principalmente, as entrelinhas.

A partir das análises realizadas percebe-se que há uma concentração dessas discussões entre a Arte e a Geografia na disciplina de Prática Curricular V. E a inserção, pelo menos na ementa e plano de disciplina, das diferentes linguagens onde culminaria, a nosso ver, na elaboração do Projeto Pedagógico que tem a escola enquanto foco de aplicação.

É nessa disciplina onde observamos possibilidades de se oferecer os subsídios para o trato com a Geografia e a Arte, em termos de: metodologia de ensino e avaliação, assim como na bibliografia indicada. Porém, na prática, concentra-se essa discussão em torno da música e filmes (em número bem limitado, diga-se de passagem).

Quando as linguagens artísticas aparecem apenas enquanto complemento, ou mesmo não há discussão acerca delas no sentido de oferecer subsídios para a formação, evidencia-se uma perspectiva de formação docente que em geral expressa-se “regida pelo paradigma da racionalidade técnica, a qual privilegia a dimensão técnico-científica em detrimento da formação da autonomia intelectual, da reflexão, da criatividade e da sensibilidade.” (MENEZES e KARCHER, 2015, p. 55)

É justamente nesse paradigma conflituoso e dicotômico no qual a linguagem artística também sofre com o privilégio da linguagem técnico-científica, ao ser considerada ilegítima, ou até mesmo inapropriada para se tratar da ciência moderna.

Logo, dentro da perspectiva levantada de uma formação docente pautada no privilégio da formação e de uma linguagem técnico-científica, incorre a linguagem artística certa marginalização.

É o que percebemos quando analisamos a disciplina de Prática Curricular II. O trato dos principais conceitos e categorias da Geografia, tendo como privilégio a linguagem técnico-científica, induz aos estudantes, já no início do curso, que a única linguagem para o trato da ciência *stricto sensu* é essa. Restando as linguagens artísticas um papel apenas complementar que será recuperado no VI semestre com a disciplina de Prática V.

Posto esse cenário, foi possível apontar a partir das nossas análises essa problemática na ausência de discussões das relações entre a Arte e a Geografia, que se faz, ironicamente, presente no currículo 2005/2006 do curso de Geografia da URCA.

No delimitar das disciplinas escolhidas para se focar o estudo: Prática Curricular II e Prática Curricular V, explorando-as a

partir das ementas e planos de disciplina, assim como as entrevistas com discentes e docentes, onde evidenciou-se a dimensão das dificuldades e desafios na incorporação dessas linguagens e da Arte no ensino. O que nos permitiu algumas considerações:

1) Na elaboração das ementas, assim como em suas práticas, há um privilégio da linguagem técnico-científica em detrimento da possibilidade de inserção das linguagens artísticas (nossa proposta não é de substituir uma e privilegiar outra, pelo contrário, acreditamos em um diálogo entre essas, no sentido de complementaridade);

2) Nas ementas e planos das disciplinas há poucas informações acerca da realização do que se propõe, principalmente no que tange a articulação entre os objetivos e as formas de avaliação. Sendo essas ainda privilegiadas as provas escritas;

3) Quando partimos para a prática, as entrevistas revelaram um cenário que coloca a ementa e plano de disciplina como mero documento formal que apenas é apresentado no início da disciplina na maior parte do curso. Na prática há o distanciamento tanto nas propostas de metodologia de ensino, quanto nas formas de avaliação;

4) O trato com a Arte, diante da problemática das ementas e planos, fica *à mercê* do docente que assume a disciplina, apenas quando este traz em sua formação aproximação com determinada forma de Arte, incorpora na sua prática pedagógica, inclusive na disciplina de Prática Curricular V;

5) Quando a Arte emerge nas discussões das disciplinas, conforme apontam as entrevistas, há a percepção por parte dos estudantes na importância e potencialidade dessa em suas práticas

pedagógicas, mesmo que essas discussões estejam quase ausentes ou mesmo concentradas em determinadas disciplinas.

6) É preciso nas próximas organizações curriculares do curso de Geografia da URCA, atentar-se a sanar a problemática posta no fato de discussões em torno das linguagens e, conseqüentemente, da Arte, estarem dispostas em ilhas ao longo da graduação. Precisamos.

A arte na formação docente incide em profissionais mais atentos a formação sensível de seus respectivos educandos, na valorização e incentivo à criatividade, onde “abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço” (OLIVEIRA JR. e GIRARDI, 2011, p. 4).

A defesa da Arte no ensino é tomar partido por um modo de fazer ciência que não seja apenas pautado na racionalidade técnica. A vida muito mais do que baseada nesta requer, em todos os espaços a sensibilidade e a criatividade, aspectos importantíssimos no ser professor, formado na universidade e que via de regra atua na escola, na qual:

Diante de uma Geografia escolar sem cor e sem brilho, torna-se premente resgatar o amor e a poesia para que o professor possa realmente exercer sua função social (MENEZES e KAERCHER, 2015, p. 51).

Estendemos essa necessidade de colorir a Geografia primordialmente pela universidade, através da Arte na formação docente, para que consigamos também, assim como Belchior, aprender pela Geografia “que no mundo há lugar para um jovem

como eu amar e ser feliz”. Fazendo com que a aquarela do ensino de Geografia não seja sufocada por essa monocromática e fria perspectiva de ciência, talhada por uma racionalidade cada vez mais distante de uma realidade potencialmente colorível.

### Referências bibliográficas

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 27-34, fev. 2016.

BRASIL. Decreto nº 60977, de 21 de janeiro de 1972. *Decreto de Reconhecimento do Curso de Geografia e História Natural da Faculdade de Filosofia do Crato*. Brasília, 20 jan. 1972.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF. 1998

CENE, Vonei Ricardo; FERRAZ, Máira Kahl. Geografia e Arte: Um debate epistemológico sobre suas relações. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). *Geografia, Literatura e Arte: epistemologia, crítica e interlocuções*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 220-247.

CNE. Parecer CNE-CP nº 28, de 02 de outubro de 2001. *Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. Brasília: CNE, 2001.

DUARTE, Newton. *Arte e Formação Humana em Lukács e Vigotski*. In: 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação ANPED, 2008, Caxambu, MG. Constituição Brasileira, Direitos humanos e Educação \_ 31ª Reunião anual da ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2008. v. 1. p. 1-15.

FANTIN, Maria Eneida; TAUSCHECK, Neusa Maria. *Metodologia do Ensino de Geografia*. Curitiba: Ibpex, 2005. 127 p.

FREderico, Celso. Cotidiano e Arte em Lukács. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 299-308, dec. 2000. ISSN 1806-9592. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9559>>. Acesso em: 10 sep. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142000000300022>.

LEITINHO, Meirecele Calíope. *Concepção e currículo*: Universidade Regional do cariri. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000. 206 p.

MENEZES, Victória Sabbado. KAERCHER, Nestor André. A FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: por uma mudança de paradigma científico. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 47-59, jul. 2015

MORRIS, Charles William. *Fundamentos da Teoria dos Signos*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: XI *Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia*. Goiânia, 2011. Anais do XI ENPEG, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1-9.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. A formação inicial do professor de Geografia. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al. *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 15 ed. 2008, pp. 101-124.

RIBEIRO, Emerson. Pesquisa e criatividade na formação do professor de Geografia. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 107-116, maio. 2013.

\_\_\_\_\_. *Arte e a Criatividade em Geografia: Práticas Pedagógicas em Instalações Geográficas*. 1. ed. Fortaleza: Universidade Regional do Cariri, 2016. v. 1. 124p.

\_\_\_\_\_. *Processos criativos em Geografia: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-02072014-132435. Acesso em: 2018-05-20.

\_\_\_\_\_. A Criatividade Em Geografia, Prática Pedagógica E Avaliação: Lanternas Geográficas. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p.61-75, ago. 2011.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma Breve História da Formação do Professor de Geografia no Brasil. *Terra Livre*, São Paulo, v. 15, p. 129-144, 2000.

SANTOS, Robson Alves. Formação docente em geografia e a estrutura curricular: o curso de graduação do Campus Catalão/UFG. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 14, p.85-110, dez. 2017.

SOARES, Liana Macabu de Sousa. Teatralizando o ensino de geografia. *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, Campinas, v. 3, n. 5, p.57-81, jun. 2013.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. *Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Geografia – Proposta 2013-2014*. Crato, 2014.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. *Cadernos de Pesquisa*, [s.l.], v. 44, n. 151, p.190-202, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053142851>.

Submetido em: 03 de abril de 2020.

Devolvido para revisão em: 09 de julho de 2020.

Aprovado em: 16 de julho de 2020.

**Como citar este artigo:**

ALENCAR, Igor Carlos Feitosa. E quem disse que Geografia e Arte rimam? A formação docente na perspectiva das relações entre Geografia e Arte. **Terra Livre**, v. 1, n. 54, p. 805-844, jan.-jun./2020.